

AS DINÂMICAS IDENTITÁRIAS DAS PERSONAGENS TITUBA E JOHN INDIEN NO ROMANCE *EU, TITUBA: BRUXA NEGRA DE SALEM*, DE MARYSE CONDÉ

THE IDENTITY DYNAMICS OF TITUBA AND JOHN INDIEN IN THE NOVEL *I, TITUBA: BLACK WITCH OF SALEM*
BY MARYSE CONDÉ

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo debater e explorar as representações e deslocamentos identitários das personagens centrais Tituba e John Indien no romance *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, de Maryse Condé. Inicialmente, o artigo visa apresentar a autora e contextualizar as personagens dentro do desenrolar do enredo e dos acontecimentos que permearam a suas vidas. A fundamentação teórica utilizada para explorar aspectos de produção da obra centram-se nas proposições de Evaristo (2024) e Roeber (2004). Para explorar as visões históricas, utilizou-se a obra de Federici (2017) e Davis (2016). Os fundamentos utilizados para explorar o conceito de interseccionalidade na obra parte dos escritos de Collins (2015) e Akotirene (2019), e, por último, a fundamentação utilizada para corroborar a pesquisa acerca de questões de identidade e pertencimento centra-se nas obras de Hall (2022), Silva (2014) e Laclau (2011). A análise enfatiza como a narrativa de Condé não apenas reescreve a história a partir de perspectivas esquecidas, mas também desafia e reconfigura as narrativas dominantes, promovendo uma maior inclusão e reconhecimento das diversas experiências e identidades que moldam a história e a literatura.

Palavras-chave: Identidade. Pertencimento. Estudos Culturais. Tituba. Maryse Condé.

ABSTRACT

This article aims to discuss and explore the identity representations and shifts of the central characters Tituba and John Indien in the novel *I, Tituba: Black Witch of Salem* by Maryse Condé. Initially, the article presents the author and contextualizes the characters within the unfolding of the plot and the events that shaped their lives. The theoretical framework used to explore aspects of the novel's production is based on the propositions of Evaristo (2024) and Roeber (2004). For historical perspectives, the works of Federici (2017) and Davis (2016) were used. The foundations for exploring the concept of intersectionality in the work draw from the writings of Collins (2015) and Akotirene (2019). Lastly, the framework used to support research on issues of identity and belonging focuses on the works of Hall (2022), Silva (2014), and Laclau (2011). The analysis emphasizes how Condé's narrative not only rewrites history from overlooked perspectives but also challenges and reconfigures dominant narratives,

Fernanda Kreuz Machado

Mestranda em Letras (PPGL/UFSM). Licenciatura em Letras – Português e Espanhol (UFSF). ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5687-4041>. E-mail: fernanda-krmachado@educar.rs.gov.br

Anselmo Peres Alós

Doutor em Letras (PPGL/UFRGS). Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFSM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2062-2096>. E-mail: anselmoperesalós@gmail.com

promoting greater inclusion and recognition of the diverse experiences and identities that shape history and literature.

Keywords: Identity. Belonging. Cultural Studies. Tituba. Maryse Condé.

Introdução

Tradicionalmente, os acontecimentos históricos são explorados pelo viés do homem branco, o que minimiza e deslegitima visões dissidentes daquela já predominante. Na produção literária e cinematográfica, essa tendência se mantém, de forma que episódios que causaram reviravoltas no pensamento humano permitiram que até mesmo pessoas fossem julgadas com base em preconceitos raciais e culturais, como no caso dos julgamentos das bruxas de Salem. Adaptados para romances, filmes e séries¹, esses eventos frequentemente são narrados a partir da perspectiva de personagens brancas, seja no gênero fantástico, seja em enredos voltados aos fatos históricos.

Maryse Condé, natural de Pointe-à-Pitre, Guadalupe, é uma autora negra, feminista e defensora dos direitos da população negra. Ela é responsável pela escrita da obra *Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem* (2024)², que subverte a centralidade dos relatos dos ideais dominantes e dos acontecimentos relacionados com a caça às bruxas entre os séculos XV e XVIII³. Através dessa obra, Condé dá identidade a Tituba, uma mulher negra escravizada e acusada de bruxaria durante os julgamentos de Salem, optando por estabelecer uma história crítica sobre esse período histórico e sobre a obscuridade dos processos de escravização⁴⁵.

Condé possibilita que uma nova história de Tituba seja explorada e conhecida, oferecendo uma reinterpretação dessa figura histórica. A autora, além de revisitar os julgamentos das bruxas de Salem, apresenta uma história para Tituba, uma mulher negra e escravizada. A autora, conforme Evaristo (2024) “[...] se apropria de um fato histórico, criando uma narrativa, em que a voz da personagem-narradora, Tituba, que oferece outra versão do evento, distinta da oficial”. A distinção entre as narrativas

1 Filmes como *As feiticeiras de Salem* (1957), *As Bruxas de Salem* (1996), *Abracadabra* (1993), séries como *Salem* (2014-2017) e *American Horror Story: Coven* (2013-2014).

2 A edição foi escolhida com base na tradução de Natalia Borges Polesso e no prefácio escrito por Conceição Evaristo.

3 Perseguição orquestrada pela Igreja com fins políticos e religiosos.

4 A figura histórica de Tituba é ainda muito debatida, sendo que várias fontes históricas descrevem-na como uma mulher indígena escravizada, e sua caracterização como uma mulher negra surge posteriormente. Este artigo, porém, trata-se de uma análise da Tituba como personagem da obra de Condé, que a representa como uma mulher de descendência africana.

5 O uso da palavra “escravo” denota uma condição de naturalidade em relação ao processo de escravidão, enquanto o termo “escravizado” indica que o indivíduo foi forçado a estar inserido dentro do processo de escravização.

históricas resgata e reitera uma memória antes marginalizada e apagada, partindo de uma perspectiva afrodescendente.

A personagem principal nasceu na ilha de Barbados no século XVII e, desde criança, foi exposta a regimes de escravização e violência. O enredo da obra foca, inicialmente, no desenvolvimento da vida da personagem. Tituba não foi uma criança desejada; sua mãe, Abena, não queria ter uma filha mulher, possivelmente uma referência ao trágico destino de uma mulher naquelas condições. Yao, seu padrasto, a adotou como sua própria filha e foi ele quem escolheu seu nome. Sua mãe foi sentenciada à forca por resistir a um estupro e, conseqüentemente, Yao comete suicídio. Ainda quando criança, Tituba teve contato com Man Yaya, responsável por lhe ensinar sobre o mundo espiritual e ritualístico.

Anos mais tarde, em consequência do amor a John Indien, Tituba foi vendida como escrava e levada para a pequena comunidade de Salem, Massachusetts, onde se envolveu nos julgamentos por atos de bruxaria. Devido à sua cultura, sua raça e sua religião, a comunidade puritana acusa-a de bruxaria, evidenciando o preconceito da comunidade em relação ao “outro”. Conforme Roeber (2004, p. 7), Tituba foi punida duas vezes pela história, primeiro pelo preconceito e segundo pelo esquecimento. Portanto, é por meio da produção literária de Condé que a personagem ganha uma voz que narra suas próprias vivências, medos e resistências, desafiando as narrativas históricas que a retratavam de forma desumanizada e minimizada.

Ao desafiar as narrativas dominantes sobre os julgamentos de Salem e dar visibilidade a uma personagem marginalizada, o intuito deste artigo é explorar as dinâmicas e deslocamentos identitários de pertencimento que permeiam as personagens Tituba e John Indien. Primeiramente, a intenção é investigar conceitos que legitimem e corroborem as ideias que serão discutidas ao longo do artigo. Em seguida, será desenvolvida uma análise focada nas personagens principais, examinando suas tomadas de consciência e suas identificações com diferentes perspectivas culturais e raciais.

Considerações teóricas

A história, a cultura e as religiões de matriz africana foram sistematicamente deslegitimadas e suas narrativas frequentemente excluídas do contexto histórico e tentativas de resgatar essas histórias foram frequentemente frustradas e minimizadas. A narrativa apresentada por Condé resgata a voz de uma personagem que, por muito tempo, foi marginalizada e excluída do panorama histórico devido à sua cor e sua cultura. A escravização perpetuou essa marginalização e disseminou preconceitos que ainda ecoam na contemporaneidade.

Dar visibilidade para a produção e circulação de obras que legitimem a voz da população negra, segundo Rago (1995, p. 81), “[...] se faz tanto mais necessária, quanto mais nos damos conta de que a História não narra o passado, mas constrói

um discurso sobre este, trazendo tanto o olhar quanto a própria subjetividade daquele que recorta e narra, à sua maneira, a matéria da história”, ou seja, a valorização da narrativa histórica não mais vista, segundo Burke (1992), *de cima*, mas sim por meio de uma visão secundária, possibilitando que sejam conhecidas outras perspectivas, como é o caso da escravizada Tituba. Conforme aponta Davis,

[...] no que dizia respeito ao trabalho, a força e a produtividade sob a ameaça do açoite eram mais relevantes do que questões relativas ao sexo. Nesse sentido a opressão das mulheres era idêntica à dos homens. Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas (DAVIS, 2016, p. 19).

O processo de escravização e seus abusos não apenas amplificavam o sofrimento da população negra, mas também refletiam a violência de um sistema que institucionalizava o apagamento das identidades e das vozes distintas. Esse apagamento contribuía para a intensificação da desumanização inerente ao processo de escravização, aprofundando a marginalização e a exclusão das experiências e perspectivas das pessoas escravizadas, além do tráfico, outra forma de apagamento, tortura e ganhos econômicos por meio da venda dos escravos, os separando de sua comunidade e das suas famílias.

Um dos exemplos de apagamento de identidade e da relação com a pátria, ocorre quando a escravizada Tituba e John Indien são vendidos e transportados para outro país. Esse processo de transporte forçado é algo comentado por Miller (2011, p. 44), que observa que “através do sacrifício dos laços sociais nascentes entre os escravos, exercendo (os patrões) seus direitos de proprietários para vendê-los, destruindo então, novamente, qualquer florescimento de identidade que pudesse ter desabrochado dentro da escravidão”. O deslocamento resultante de sua venda não apenas liquidou os laços afetivos da protagonista com Barbados, mas também impossibilitou que houvesse a criação de novas conexões culturais com seu novo espaço, o que poderia ter corroborado para a reconstrução das identidades dessas personagens.

Outro ponto marcante na obra de Condé, além da crítica ao regime escravagista, é a apresentação de situações históricas ocorridas em Salem. Segundo Evaristo (2024, p. 13), “parece muito sintomático que, sendo Tituba a pessoa que desencadeia todos os eventos de Salem, a historiografia traga tão poucas informações sobre ela”. Esse apagamento das circunstâncias históricas em torno de Tituba demonstra a invisibilidade das narrativas negras naquele período:

O que é uma bruxa?
Percebi que em sua boca a palavra estava manchada de degradação.
Como é isso? Como? A faculdade de se comunicar com os invisíveis,
de manter um laço constante com os finados, de cuidar, de curar, não
era uma graça superior da natureza a inspirar respeito, admiração
e gratidão? Por consequência, se desejam assim nomear aquela que

possui essa graça, não deveria ser adulada e reverenciada em vez de temida? (CONDÉ, 2024, p. 42).

Historicamente, há em torno da figura da bruxa uma conotação de degradação e devassidão, frequentemente associada ao contato com outras culturas e visões de mundo, bem como à manutenção de laços com os mortos e às capacidades de cura com plantas e ervas. No entanto, a sociedade puritana na qual Tituba é inserida tende a distorcer e demonizar manifestações religiosas distintas, transformando a figura da bruxa em um símbolo de repulsa e medo.

A subversão desse termo, transformando a bruxa em um objeto de temor, reflete um profundo preconceito relacionado a uma cultura dissidente. A crítica da autora também se desenvolve por meio de uma percepção cultural das capacidades de uma bruxa, sugerindo que essas habilidades deveriam ser celebradas em vez de perseguidas, como fez historicamente a Igreja. Conforme aponta Federici (2017), as heresias eram comuns às classes baixas; ou seja, mulheres negras e pobres, como é o caso de Tituba, eram exemplos de hereges que mancomunariam contra o cristianismo:

Se considerarmos o contexto histórico no qual se produziu a caça às bruxas, o gênero e a classe das acusadas, bem como os efeitos da perseguição, podemos concluir que a caça às bruxas [...] foi um ataque à resistência que as mulheres apresentaram contra a difusão das relações capitalistas e contra o poder que obtiveram em virtude de sua sexualidade, de seu controle sobre a reprodução e de sua capacidade de cura (FEDERICI, 2017, p. 305).

Considerando o contexto histórico no qual ocorreu a caça às bruxas, percebe-se que as acusações não foram aleatórias, mas sim direcionadas a mulheres de classes sociais menos abastadas e com distintos papéis dentro das comunidades. O intuito era justamente suprimir e controlar a influência de determinadas mulheres dentro daquele contexto, o que proporcionava a sua exclusão e a sua caracterização como bruxas. No caso de Tituba, o objetivo era expurgar práticas consideradas hereges e que denotavam resistência às normas vigentes da comunidade e ditadas pelo catolicismo.

Ademais, conforme aponta Federici (2017, p. 312), “a caça às bruxas se desenvolveu em um ambiente no qual os ‘de melhor estirpe’ viviam num estado de constante temor frente às ‘classes baixas’”. Havia um medo crescente entre a população puritana devido ao surgimento de novas culturas e tradições, muitas vezes difundidas pelas classes mais pobres. Essas manifestações culturais representavam uma ameaça às imposições proto-capitalistas e religiosas da época, provocando um oscilar na ordem estabelecida.

São múltiplas as camadas de opressão enfrentadas pela personagem principal do romance. A interseccionalidade presente na obra apresenta-se na personagem principal por ela ser uma mulher negra, escravizada, pobre e acusada de bruxaria, destacando como essas dinâmicas identitárias possibilitam ainda mais a sua marginalização frente aos acontecimentos históricos. A ideia de interseccionalidade é, segundo Akotirene

(2019, p. 15), um “sistema de opressão interligado”, que reitera o entrelaçamento de discriminações em Tituba, de forma que sejam mais singulares e complexas em relação às limitações sofridas pelas mulheres brancas do período.

A escravidão, no contexto colonial, não se limitava a ser uma instituição econômica; ela também incorporava e reforçava complexas hierarquias sociais baseadas em raça, gênero e classe, que, segundo Collins (2015, p. 22-23), “[...] se entrelaçavam na organização, sistêmica e estruturante em direção a uma nova visão de dominação e subordinação da escravidão”. Ademais, as mulheres escravizadas eram submetidas a uma dupla opressão, sofrendo pelo racismo e pelo sexismo, sendo frequentemente vítimas de violência sexual e exploradas no trabalho físico e doméstico. Segundo Davis,

[...] o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras. O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários elas poderiam ser desprovidas de gênero (DAVIS, 2016, p. 17).

Assim, a escravidão colonial funcionava como um sistema complexo de controle social, no qual raça, gênero e classe se entrelaçavam para sustentar uma visão abrangente e profundamente enraizada de dominação e subordinação da população negra, o que lhes impunha a exclusão de sua individualidade e de suas identidades.

Maryse Condé explora as diferentes manifestações identitárias das personagens Tituba e John Indien, revelando uma trama de complexas experiências vividas pelos sujeitos. As identidades e os deslocamentos identitários (LACLAU, 2000) são moldados pelas relações de intersecção, de pertencimento e reconhecimento. Segundo Stuart Hall (2022), essas dinâmicas podem ser entendidas como “posições de sujeito”, ou seja, essas posições podem ser influenciadas por fatores como raça, gênero e classe, refletindo, assim, como as identidades são construídas e reinterpretadas em resposta às interações sociais e contextos culturais, de forma que, conforme aponta Silva (2014, p. 40),

[...] as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*⁶.

6 “Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles [...] eu/outro” (SILVA, 2014, p. 40).

A exclusão e o apagamento da personagem central na obra *Eu, Tituba* não ocorrem apenas no romance, mas também no contexto histórico. Sua identidade e seus deslocamentos identitários foram esvaziados e tornaram-se genéricos, sem levar em consideração suas diferenças e as capacidades que lhe eram atribuídas. Segundo Hall (2021, p. 14), “[...] a estrutura da identidade permanece aberta”. Além disso, John Indien, confrontado por idealizações e novos deslocamentos, sentiu-se confortável para transitar por eles devido à influência interseccional que sustentava o ideal patriarcal. Ainda segundo Hall (2022, p. 16),

[...] uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.

As identidades das personagens principais, Tituba e John Indien, são continuamente deslocadas e reformuladas pelas percepções e expectativas dos outros e pelos contextos nos quais estão inseridos. Como resultado, as dinâmicas identitárias e as lógicas de pertencimento de cada uma das personagens, John Indien e Tituba, sublinham a diversidade das estratégias de sobrevivência e resistência na opressão, mostrando como a identidade pode ser moldada por diferentes respostas ao mesmo contexto de subjugação.

Tituba: identidade e pertencimento

Maryse Condé, ao apresentar Tituba como a personagem principal de sua obra, tem a intenção de evidenciar e permitir que o leitor reconheça a relevância de uma figura historicamente silenciada pela tradição historiográfica e pela produção literária. Assim, a autora resgata Tituba do esquecimento histórico imposto pela centralidade da cultura branca dominante. Partindo desse pressuposto de conferir identidade à personagem e de contextualizar os acontecimentos durante os julgamentos das supostas bruxas de Salem, Condé traz Tituba para o centro de sua narrativa e oferece uma perspectiva enriquecida e humanizada da personagem que vai além das simplificações e distorções impostas pela história oficial.

Com base no prefácio da edição escrito por Evaristo (2024, p. 9), “[...] a errância de Tituba é um dos aspectos que compõem a vida da personagem. Ela reside em vários lugares, pelas circunstâncias da escravização. Tem saudades do local de origem dos seus, embora a dor seja recalcada, como se não existisse”. A construção identitária da personagem é um mosaico de suas experiências, incluindo a perda de entes queridos, sua conexão mística com Man Yaya, o desenraizamento de sua pátria e os diversos relacionamentos, sejam eles afetivos ou não, com outras personagens.

Conforme conta a narradora personagem Tituba, “(Man Yaya) me ensinou que tudo vive, que tudo tem uma alma, um sopro” (CONDÉ, 2024, p. 32). A consolidação principal da identidade da personagem ocorre por meio do contato dela com rituais e crenças místicas ensinadas por Man Yaya e que a possibilitaram curar e salvar muitos dos seus antepassados. Inicialmente, os outros escravizados demonstravam medo e repulsa por tais práticas; contudo, até mesmo a personagem central identificou-se com eles e com as suas angústias:

Esse encontro com os meus foi pesado em consequências. Foi a partir desse dia que me reaproximei das plantações para que conhecessem meu verdadeiro rosto. Era preciso que gostassem de Tituba! Pensar que eu dava medo, eu que só sentia em mim ternura e compaixão! Ah sim! Teria adorado soltar o vento como a um cão no canil, para que ele levasse além do horizonte as brancas Casas-Grandes dos senhores [...] (CONDÉ, 2024, p. 35-36).

É por meio dessas experiências que a personagem desenvolve uma identidade que viria a transpassar as limitações impostas pela escravização e pelo puritanismo. Através dos deslocamentos identitários impostos pelas circunstâncias, a personagem reconecta-se com sua cultura e com as tradições de Barbados. Ao conhecer John Indien, a personagem experimenta e tolera um novo tipo de posição identitária; não mais sendo uma figura livre, mas uma escrava de Susanna Endicott, Tituba submeteu-se a viver em um regime de escravizada, devido ao seu relacionamento amoroso com Indien. Contudo, ela própria estava modificando sua identidade em favor disso:

O que me deixava mais estupefata e revoltada não era tanto as palavras que diziam, mas a maneira como as diziam. Parecia que eu não estava lá. Falavam de mim e ao mesmo tempo me ignoravam. Elas me riscaram do mapa dos humanos. Eu era ausência. Um invisível. Mais invisível que os invisíveis, pois eles ao menos detinham um poder que todos temiam. Tituba, Tituba não tinha mais que a realidade que aquelas mulheres queriam lhe conceder (CONDÉ, 2024, p. 51).

A narrativa de Condé enriquece a compreensão sobre como identidades são formadas e reformuladas em contextos de opressão, destacando a importância da memória e da resistência da personagem. Percebe-se essas relações de opressão e reformulação identitária em imposições escravagistas e patriarcais feitas à Tituba, como por exemplo, “[...] rezar ‘Creio em Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra...’ Mas essas palavras não significavam nada para mim. Não tinham nada a ver com as que Man Yaya tinha me ensinado” (CONDÉ, 2024, p. 53). Sendo relegada ao papel de escravizada por Susanna e esposa por John, a personagem foi submetida

ao trabalho doméstico além da obrigação de estar apta a orar preces, suprimindo os valores e as crenças introduzidas por sua mãe adotiva:

- Sim, fica nas colônias da América. Se preparem para segui-lo. (fala de Susanna Endicott) [...]

Eu entendi, quanto a mim, o plano horrível de Susanna Endicott. Era a mim, e somente a mim, que ela mirava. Era a mim que ela queria exilar na América. A mim que ela separava da minha terra natal, daqueles que eu amava e cuja companhia me era necessária. [...] (CONDÉ, 2024, p. 65)

Suzanna Endicott, em seu leito de morte, informa a Tituba e John Indien que ambos seriam vendidos para Samuel Parris, que estava retornando a Boston. Essa declaração amplifica a sensação de incerteza dos personagens, evidenciando a falta de controle sobre seus próprios destinos e a desumanização dos escravizados. A decisão de Endicott reflete a crueldade da escravidão, onde as identidades são reduzidas a mercadorias e as subjetividades dos indivíduos são desconsideradas, ignorando vínculos com família e terra natal.

A identidade de Tituba estava intrinsecamente ligada ao seu país, Barbados, e às crenças religiosas que compunham aquela região; por esse motivo, o enorme desejo de retornar ao seu lar e poder estar em contato com os seus conterrâneos faz-se presente nas falas da personagem. “No instante em que entrei em Salem, senti que nunca seria feliz. Senti que minha vida conheceria terríveis provações e que eventos de uma dor inaudita branqueariam todos os cabelos da minha cabeça!” (CONDÉ, 2024, p. 94).

A impossibilidade de uma felicidade e a premonição de um sofrimento reiteraram o profundo impacto ocasionado pela separação de suas origens em Barbados. Em Salem, Tituba encontra-se em um contexto extremamente preconceituoso e puritano que, além de deformar suas tradições, desumaniza sua persona e sua construção identitária. A intensidade do contexto marginaliza e determina um ambiente hostil para qualquer relação de pertencimento que a personagem Tituba possa estabelecer com algo ou alguém:

Ah, não, nada me dava prazer na minha nova vida! Dia após dia, minhas apreensões se tornavam mais fortes e mais pesadas, como um fardo que eu jamais podia deixar. [...] De manhã, ele pesava meu passo na escada e deixava as minhas mãos lentas [...] Eu não era mais eu mesma.

Para tentar me reconfortar, usei um remédio. Enchi uma tigela de água e deixei perto da janela, de modo que eu pudesse vê-la enquanto girava e girava na cozinha e ali prendi meu Barbados. Consegui fazê-lo de modo que tudo estivesse ali (CONDÉ, 2024, p. 99).

A opressão exercida por Samuel Parris e por toda a comunidade puritana de Salem faz com que Tituba sintasse cada vez desassociada com sua identidade. Nas palavras da própria personagem, “[...] sim, eu me tornei outra mulher. Estrangeira de mim mesma” (CONDÉ, 2024, p. 104). As tentativas desesperadas de estabelecer algum contato simbólico com Barbados e com suas raízes representam a necessidade de a personagem pertencer novamente à pátria que lhe foi roubada. Conforme disserta Akotirene (2019, p. 15), “acredito que esse território de águas traduz [...] a história e migração forçada de africanas e africanos. As águas [...] cicatrizam feridas coloniais [...]. A água torna-se um meio de comunicação, reconciliação e de regresso”:

Parecendo três grandes aves de rapina, os homens penetraram no meu quarto. [...] Ficaram ao redor da minha cama. Dois agarraram meus braços, enquanto o terceiro amarrou minhas pernas tão apertado que gritei de dor. Então um deles falou e eu reconheci a voz de Samuel Parris.

- Que ao menos algo de bom saia do Inferno que você desencadeou. Vai ser fácil abatê-la. Ninguém nesta aldeia levantará um dedo sequer [...] Porque, Tituba, você não vale nem a corda que vai enforcar o seu pescoço (CONDÉ, 2024, p. 137).

Tituba, acusada de bruxaria e torturada de maneira institucionalizada, reitera a profunda e desumana crueldade com a qual mulheres eram tratadas durante aquele período, o que só aumentava a violência contra Tituba, por ela ser uma mulher negra e escravizada. A brutalidade da cena expõe a repressão e o desprezo absoluto sobre a dignidade e pelos direitos de Tituba que, após ser torturada, ficou “[...] uma semana na prisão, esperando que terminassem os preparativos da nossa apresentação diante do Tribunal de Salem” (CONDÉ, 2024, p. 143).

E, mesmo diante dessa situação, Tituba estabeleceu um vínculo extremamente importante com uma mulher chamada Hester⁷ que estabeleceu, com base em Piedade (2017), um vínculo de dororidade⁸. A personagem apresentada considera-se feminista e compreende os benefícios e as consequências da aquisição de uma voz que, segundo ela própria, “[...] tive a infelicidade de pertencer a uma família que acreditava na igualdade dos sexos e, na idade em que se brinca saudavelmente com bonecas, meu pai me fazia recitar os clássicos” (CONDÉ, 2024, p. 146). Todas as experiências vivenciadas por meio do contato com Hester, possibilitaram à personagem agência quanto ao momento que foi culpada, também por John Indien, e levada a julgamento:

Isso durou horas. Confesso que não era uma boa atriz. A visão de todas aquelas caras brancas aos meus pés parecia um mar no qual

7 Hester não é apenas uma personagem secundária. Trata-se de uma referência a Hester Prynne, protagonista do romance *A Letra Escarlata*, de Nataniel Hawthorne.

8 Conceito que define que as mulheres possam apoiar umas às outras com base nas dores vivenciadas em comum.

eu me afogaria. [...] Eu tinha é medo. Os pensamentos heroicos que eu havia formado em casa ou na minha cela me apavoravam. [...] Depois do meu interrogatório, Samuel Parris veio até mim:
- Muito bem, Tituba! Entendeu o que esperávamos de você. Eu me odiei como o odiava (CONDÉ, 2024, p. 158).

Ao assumir a culpa de bruxaria, Tituba reafirma o desespero e a ansiedade que sente para se libertar das atrocidades às quais foi submetida. Mesmo sabendo de sua inocência, ela compreende o que se espera dela e, por isso, sente aversão em relação às suas próprias palavras e ao papel que lhe foi imposto. O confronto entre sua verdadeira identidade e Parris acentua a dolorosa tomada de consciência de Tituba, evidenciando que ela se vê forçada a se submeter a esse infortúnio para evitar um sofrimento ainda maior por meio de torturas e privações. Tituba e Benjamin Cohen d’Azevedo, para quem ela foi vendida após os julgamentos, estabelecem o seguinte diálogo:

- Tem sempre uma sombra no fundo dos seus olhos, Tituba. O que eu posso lhe dar para que você seja feliz ou quase?
- A liberdade! [...]
- A liberdade! Mas o que vai fazer com ela?
- Vou me sentar em um dos seus navios e partir o quanto antes para o meu Barbados (CONDÉ, 2024, p. 184-185).

Seu desejo de partir para Barbados simboliza um profundo desejo por retomar sua identidade e por estabelecer suas raízes novamente naquele que foi sua terra natal. Barbados não apenas representa um refúgio para Tituba, mas o seu compromisso com a sua identidade cultural. No decorrer da narrativa, a casa e a família de Benjamin são queimados, o que faz com que este liberte Tituba da alcunha de escravizada e lhe oportuniza retornar ao seu país:

- Me disseram que você se chama Tituba. Por acaso, é a filha de Abena e de um branco?
Ter me reconhecido depois de dez anos de ausência me pôs lágrimas nos olhos. Eu tinha me esquecido dessa faculdade que nosso povo tem de lembrar. Ah, não! Nada escapa. Tudo se grava na memória. Eu gaguejei:
- Sim, você sabe meu nome! [...]
- Está viva, Tituba! Não é o essencial? (CONDÉ, 2024, p. 196-197).

No momento em que é reconhecida, Tituba experimenta uma variedade de emoções que a fazem perceber a profundidade de sua conexão com sua história e suas construções identitárias. O reconhecimento de seu nome e a referência a Abena evocam memórias há muito enterradas, ressaltando a importância de se lembrar de

suas origens e a relevância das posições identitárias que a personagem teve que assumir. Isso sublinha sua certeza de pertencimento ao seu passado e ao lugar de onde veio.

A narrativa também reafirma que, apesar das adversidades e das imposições, o mais significativo para Tituba é a consolidação de sua identidade e a preservação de seu passado. Ao perceber que finalmente retornará a Barbados, Tituba “não soube responder. Porque eu retornava à minha terra natal como uma criança que corre para baixo da saia da mãe e se aconchega” (CONDÉ, 2024, p. 198). Simbolizando, a partir disso, uma profunda urgência de vínculo com seu passado e com suas raízes históricas e culturais.

John Indien: identidade e pertencimento

Em sua obra *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, Maryse Condé explora não apenas as construções identitárias da protagonista, Tituba, mas também dá ênfase ao personagem masculino John Indien. Inicialmente apresentado como interesse amoroso de Tituba, John Indien eventualmente se desvencilha dos seus ideais originais, construindo para si identidades diversificadas e deslocamentos que se alinham com o contexto em que ele se encontra.

A ideia proposta por Hall (2021, p. 52) de que “estão imergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, *em transição*, entre diferentes posições”, corrobora a complexidade dos deslocamentos de John Indien e que refletem as experiências diaspóricas, evidenciando como a identidade molda-se às circunstâncias históricas. A introdução da personagem masculina na obra ocorre como um algo significativo para a vida de Tituba. John aparece inicialmente como um interesse romântico, mas seu impacto vai muito além, instigando transformações profundas na protagonista.

- Epa! Você é a Tituba? Não me admira que as pessoas tenham medo de você. Já viu sua cara?

Quem falou comigo desse jeito foi um rapaz mais velho que eu, pois era certo que não devia ter menos do que vinte anos, alto, magricelo, a cor clara e os cabelos curiosamente lisos (CONDÉ, 2024, p. 37)⁹.

A observação da personagem sobre a aparência de Tituba releva a percepção da sociedade sobre ela, além de afirmar a curiosidade que ela causava. A interação entre eles desencadeia novas expectativas na personagem feminina, demonstrando dinâmicas de poder em relação ao sexo oposto. A partir desses encontros, as ações das duas personagens ligam-se e as suas decisões vêm a moldar o desenrolar dos seus papéis no decorrer da narrativa. Tituba, ao conhecer o jovem rapaz, vê-se envolvida

⁹ Os acontecimentos e as falas de John Indien são narrados pela personagem Tituba, tendo em vista que a obra tem um narrador personagem.

romanticamente por ele e o questiona sobre compartilharem um lugar juntos ao que ele responde:

- Eu não sou um negro do mato, um negro maroon. Eu jamais moraria naquela gaiola de coelho que você tem lá para cima no meio do mato. Se quer viver comigo, tem que vir para minha casa em Bridgetown. [...] Sim, eu pertenço à senhora Susanna Endicott, mas ela é boa... (CONDÉ, 2024, p. 43).

John Indien, ao desmerecer Tituba, interfere em sua construção identitária e em seus deslocamentos, exigindo que, para que eles se relacionem, ela se mude com ele para a casa de sua dona em Bridgetown. Essa exigência revela sua aspiração por uma condição social mais elevada e uma situação mais confortável, bem como seu desejo de que Susanna Endicott, sua senhora, eventualmente lhe conceda a carta de alforria. Essa dinâmica reflete a complexa relação de poder e dependência entre o casal, que será continuamente medida e transformada até culminar nas circunstâncias que os levarão à caça às bruxas e aos julgamentos em Salem, Massachusetts:

- Ele pegou a minha mão: - Tituba, sabe o que dizem sobre você? Que você é uma bruxa... [...] eu quero provar que isso não é verdade e ter você como companheira diante deles. Nós iremos à igreja juntos, eu te ensinarei as preces... (CONDÉ, 2024, p. 43).

John Indien, ao reforçar sua autoridade sobre as perspectivas identitárias de Tituba, revela a necessidade de moldá-la as noções e comportamentos sociais e religiosos que ele julga serem fundamentais para uma mulher que ele tem como sua. Ao mesmo tempo em que afirma o cuidado e a preocupação com as perseguições contra Tituba, ele impõe a ela uma ideia de conformidade e de submissão aos valores brancos dominantes. As dinâmicas entre as personagens simbolizam, assim, preceitos voltados à opressão entre os sexos, o que tende a deslegitimar e influenciar nas posições de sujeito tomadas pela identidade mais fraca e submissa.

John Indien exemplifica a internalização e perpetuação dos valores brancos dominantes, reforçando sua submissão mesmo após a experiência de ser escravizado por Susanna Endicott. Ao adotar essas normas opressivas, ele contribui para a manutenção de um ciclo de opressão que afeta não apenas a ele, mas também aqueles ao seu redor, incluindo Tituba. Sua conformidade revela como as dinâmicas de poder e controle se perpetuam através de indivíduos que, por terem sido profundamente condicionados, acabam por sustentar as estruturas que os oprimem:

John Indien estava apavorado. Ele pertencia a Susanna Endicott desde sua infância. Ela tinha lhe ensinado a ler preces e assinar seu próprio nome. Ele estava convencido de que, cedo ou tarde, ela falaria de sua alforria. Mas agora, em vez disso, de repente,

ela anunciava que o venderia. E para quem, Senhor? Para um desconhecido que iria atravessar o mar e tentar a sorte na América... (CONDÉ, 2024, p. 65).

John Indien estava tomado pelo pavor ao saber que sua vida tomaria um rumo inesperado. Tendo pertencido a Susanna Endicott desde a infância, ele havia desenvolvido uma complexa relação de dependência e submissão. A incerteza de ser entregue a um desconhecido e a perspectiva de atravessar o oceano rumo à América, um lugar totalmente desconhecido para ele, ampliaram seu terror. A venda abrupta não apenas rompeu os frágeis laços de segurança que ele havia construído, mas também simbolizou a brutal realidade da escravidão, na qual o destino dos indivíduos era decidido sem consideração por seus medos ou esperanças. A própria personagem “[...] se prostrou de quatro, rastejando ao redor da cama. De nada adiantou! Susanna Endicott permaneceu inflexível sob seu dossel [...]” (CONDÉ, 2024, p. 66). Essa passagem ressalta a crueldade do sistema escravista e a vulnerabilidade dos escravizados, cujas vidas eram constantemente sujeitas às vontades de seus senhores.

A capacidade da personagem de se adequar a qualquer contexto é demonstrada na seguinte passagem, corroborando a noção de que as identidades se deslocam conforme suas necessidades. As “posições de sujeito” (HALL, 2022) a que as personagens se submetem lhes conferem uma maior adaptabilidade ao ambiente e às pessoas com quem convivem:

John Indien estava sentado atrás do convés, no meio de um círculo de marinheiros admirados, aos quais ele contava alguma baboseira. Coisa estranha, John Indien, que tinha chorado todas as lágrimas de seu corpo quando os contornos do nosso tão amado país, Barbados, se apagaram na bruma, já estava consolado. Ele realizava mil tarefas para os marinheiros, e assim ganhou algumas moedas, com as quais se metia em jogos e bebia rum (CONDÉ, 2024, p. 72).

Esse trecho revela aspectos profundos de pertencimento e identidade por meio da figura de John Indien. Inicialmente, sugere-se uma ruptura no vínculo afetivo e na identidade da personagem com Barbados, seu país amado. A rápida adaptação de John Indien ao novo ambiente e às pessoas ao seu redor demonstra sua capacidade de se encontrar e criar laços em circunstâncias adversas. Ele começa a formar novas conexões sociais e a redefinir sua identidade dentro do navio. Segundo Hall (2021), uma identidade não pode ser fixa; ela se torna flexível e adaptável pelas novas experiências e ambientes.

Do mesmo modo que se adapta ao novo contexto, John Indien percebe as nuances e as situações questionáveis da população puritana de Salem. Segundo o próprio personagem, “[...] Ah! Tituba, você não é capaz de compreender a hipocrisia do mundo dos brancos!” (CONDÉ, 2024, p. 80). Sua capacidade de discernir e compreender as posições que os outros sujeitos ocupam faz com que ele note o quanto essas

perspectivas são respaldadas e, muitas vezes, corroboradas pelos outros habitantes de Salem, de modo que se tornam socialmente aceitas.

A condição de escravizado de John Indien fez com que ele fosse explorado de diversas maneiras. “Sem dúvida pela falta de dinheiro e na impossibilidade de comprar uma montaria, Samuel Parris alugou John Indien para o diácono Ingersoll, a fim de que ele o ajudasse no campo” (CONDÉ, 2024, p. 104). Não bastasse a escravização e o trabalho de John Indien em uma taverna, ele ainda foi alugado para realizar atividades e trabalhos no campo. A escravização submeteu o homem ao martírio de trabalhar como mão de obra não remunerada, privando-o de qualquer dignidade ou compensação por seu esforço. A comunidade puritana, por meio dos julgamentos de Salem, submeteu Tituba a atos de extrema crueldade. Infelizmente, o sistema obrigou John Indien a ser conivente com os processos e as torturas, exacerbando ainda mais a injustiça e o sofrimento por meio da escravização:

Eles saíram e no cômodo só ficou a nossa dor e o cheiro da minha humilhação.

John Indien me abraçou e que doçura foi encontrar abrigo em seus braços. [...]

- Mulher, minha mulher torturada. Mais uma vez, você se engana sobre o que é essencial! O essencial é ficar viva. Se eles te mandaram denunciar, denuncie. A metade dos habitantes de Salem, se assim eles querem! Este mundo não é nosso e, se eles querem incendiá-lo, só importa que estejamos abrigados das chamas. Denuncie, denuncie todos aqueles que a fizeram sofrer [...] (CONDÉ, 2024, p. 139).

Destaca-se a complexa construção identitária de John Indien e os deslocamentos que ele enfrenta. Para Tituba, ele se torna um porto seguro em meio às humilhações e torturas que ela sofre perante os juízes de Salem, assumindo a identidade de protetor e consolador. Em determinado momento da narrativa, a personagem afirma: “[...] sim, você é, sempre será culpada aos olhos deles. O importante é ficar viva por você, por mim... por nossos filhos que vão nascer” (CONDÉ, 2024, p. 139).

Ao aconselhar sua companheira a denunciar os habitantes de Salem, John revela uma faceta pragmática de sua identidade, priorizando a sobrevivência em vez de qualquer idealismo de liberdade. Compreende-se, a partir disso, a necessidade de adaptação como meio de garantir a segurança de ambos. A capacidade de John Indien em transitar entre diferentes exigências e expectativas destaca sua identidade como alguém persistente e adaptável.

Os deslocamentos identitários pelos quais John Indien passa denotam a facilidade com que ele pode se mesclar a diferentes ambientes e expectativas, tanto individuais quanto coletivas. A trajetória de Indien com Tituba termina quando ele demonstra estar adaptado ao contexto puritano, conseguindo ludibriar as exigências religiosas para não ser incriminado e culpado de bruxaria. Tituba, presa e torturada, narra a

seguinte situação: “[...] nas poucas vezes em que atravessou os limites do celeiro [...] parecia saudável, bem alimentado, com roupas limpas e passadas. Ele agora estava usando uma capa de lã pesada, que envolvia seu corpo e o aquecia” (CONDÉ, 2024, p. 161).

A personagem apresenta-se totalmente deslocada de sua identidade inicial em Barbados. John Indien é apresentado como um sujeito que transita por diferentes esferas sociais e que, assumindo novas posições na narrativa, ressignifica sua identidade conforme o contexto social e histórico no qual se encontra. Sua transformação ao longo da narrativa ilustra a complexidade da identidade, que é constantemente moldada por forças externas e internas. John Indien, ao navegar por essas mudanças, demonstra a flexibilidade e a profundidade da experiência humana:

- Eu quero dizer, minha mulher atormentada, que não sou nada parecido com você. Você acredita que só Abigail Putnam e as outras vadias sabem gritar e se contorcer, cair duras e arfar: “Ah, você está me beliscando! Você está me machucando! Me deixa!” [...]
- John Indien! Você anda fingindo ser atormentado também? Ele mexe a cabeça afirmativamente e diz num tom pretencioso:
- Tive minha mais bela hora de glória, isso tem alguns dias (CONDÉ, 2024, p. 162).

As ações e atitudes tomadas por John Indien revelam camadas profundas relacionadas com sua identidade e com sua lógica de pertencimento. Ao admitir que também fingiu ser atormentado, John revela uma estratégia de adaptação e sobrevivência que é fundamental para sua existência em um ambiente hostil. Ele se identifica com os opressores, imitando seus comportamentos para evitar a própria perseguição e tortura. Além disso, o trecho destaca a busca de John por pertencimento em um mundo que constantemente o marginaliza.

Ao desempenhar o papel de uma vítima atormentada, ele não apenas assegura sua própria segurança, mas também encontra um momento de “glória”, uma rara oportunidade de se destacar e ser reconhecido, mesmo que de forma perversa e mentirosa. Essa dinâmica complexa entre identidade e pertencimento ilustra a resiliência de John Indien, que continua a redefinir-se e encontrar maneiras de existir e resistir em um mundo que tenta constantemente apagá-lo.

Considerações finais

Maryse Condé, ao escrever *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, resgata uma história apagada pela imposição das normas estabelecidas pelo dominante. Historicamente, personagens marginalizadas são esquecidas, e suas versões das histórias são vistas como secundárias ou irrelevantes. Os julgamentos de Salem são lembrados como atos extremamente bárbaros, que submeteram diversas pessoas, injustamente, à tortura e

à prisão. Ao realocar Tituba no contexto histórico, Condé permite que sua narrativa seja conhecida, destacando o desenvolvimento de sua identidade, seus deslocamentos e seu propósito de voltar à Barbados.

A trajetória de Tituba é um reflexo das tensões entre opressão e resistência, desvelando as estratégias de sobrevivência e autoafirmação utilizadas por aqueles sujeitos que foram relegados às margens secundárias da narrativa histórica. Além disso, ao explorar as questões religiosas presentes na obra, Condé revaloriza aspectos culturais frequentemente desdenhados pela historiografia tradicional, oferecendo uma visão mais rica e diversificada da identidade afro-caribenha.

As construções identitárias de cada uma das personagens oferece reflexões acerca dos seus posicionamentos e lógicas de pertencimento. Tanto Tituba quanto John Indien convivem e relacionam-se com contextos e sujeitos que moldam e possibilitam deslocamentos identitários das duas personagens principais. Por meio das interações e vivências, eles transitam entre esferas sociais e culturais, revelando distintas e complexas camadas de identificação e opressão. Além disso, os deslocamentos e as construções identitárias possibilitam um aporte mais crítico das estruturas e sistemas de poder que influenciam na validação ou exclusão de distintas personas.

A personagem Tituba, ao ter sua história recontada por Condé, desenvolve sua identidade baseada nas relações e nos contextos nos quais se encontra. Quando se tornou órfã, foi acolhida e ensinada nas artes místicas por Man Yaya. Ao submeter suas vontades a John Indien, ajustou sua identidade para se adequar às imposições religiosas e sociais do ambiente em que ele estava. Todas as perseguições e torturas que sofreu dos puritanos de Salem fizeram com que ela não mais conseguisse sentir-se pertencente a algum lugar, sendo excluída e podada em relação ao seu destino e sua própria identificação com uma cultura.

A personagem John Indien, ao longo da narrativa e do seu desenvolvimento como sujeito, modifica seus deslocamentos identitários com base no contexto no qual ele se encontra e no contato estabelecido com distintas personagens, como é o caso de Susanna Endicott e Samuel Parris. Inicialmente, esses deslocamentos mostram a capacidade de John Indien de se adaptar e sobreviver em contextos adversos, revelando a complexidade e a fluidez de sua identidade. Ele modifica seus posicionamentos com o intuito de garantir sua sobrevivência e encontrar um espaço onde possa existir com um mínimo de segurança e dignidade, mesmo que isso signifique renunciar a partes de si mesmo em diferentes momentos.

Através das histórias de Tituba e John Indien, Condé explora as complexas dinâmicas de identidade, sobrevivência e pertencimento em contextos de opressão. Tituba, ao ser moldada por suas relações com outras personagens e ambientes, exemplifica a luta constante por um ideal de pertencimento e a fragmentação de sua identidade. Sua trajetória revela a dificuldade de manter uma identidade coesa diante de pressões externas que visam controlá-la e subjugar-la. De maneira semelhante, John Indien demonstra uma adaptabilidade notável, ajustando seus posicionamentos para sobreviver às influências de outros. Sua história sublinha a transitoriedade da

identidade como uma estratégia para se enquadrar no ambiente e nas relações que poderiam lhe assegurar conforto e segurança.

Por fim, essas narrativas, em conjunto, demonstram que os deslocamentos identitários não são apenas respostas às circunstâncias adversas, mas também reforçam a compreensão das complexidades das relações humanas. As personagens, especialmente Tituba, são moldadas e deslocadas de maneira que destacam a legitimidade e a valorização de suas histórias. Esse processo mostra como o apagamento de certas circunstâncias pode abrir espaço para que outros ângulos sejam reconhecidos e apreciados dentro da tradição literária e historiográfica.

Referências Bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade: feminismos plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da História/Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

COLLINS, Patricia. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. *In.*: MORENO, Renata (org.). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015. p. 13-42.

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba, bruxa negra de Salem**. Tradução de Natalia Borges Polesso. 13. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Prefácio: Tituba, um evocar das águas que ainda nos atormenta! *In.*: CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba, bruxa negra de Salem**. Tradução de Natalia Borges Polesso. 13. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024. p. 7-13.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

LACLAU, Ernesto. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.

MILLER, Joseph C. Restauração, reinvenção e recordação: recuperando identidades sob a escravização na África e face à escravidão no Brasil. **Revista de História**, São Paulo, n. 164, p. 17-64, 2011. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.voi164p17-64. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19188>. Acesso em: 01/08/2024.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. *In.*: SILVA, Zélia (org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995. p. 81-91.

ROEBER, Ana Maria Martins. Entrecruzamentos e reescrituras em **Eu, Tituba, Feiticeira... Negra de Salem**. *In.*: **Caderno de Letras**. Edição n. 10, v. 2. Pelotas: UFPel, 2004. p. 7-13

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Recebido em 24/09/2024.

Aceito em 21/11/2024.